



CONTRIBUIÇÕES DE PAULO FREIRE PARA O ENSINO DA LEITURA E ESCRITA: DIMENSÃO LINGÜÍSTICA

PAULO FREIRE'S CONTRIBUTIONS TO TEACHING READING AND WRITING: LINGUISTIC DIMENSION

CONTRIBUCIONES DE PAULO FREIRE A LA ENSEÑANZA DE LA LECTURA Y LA ESCRITURA: DIMENSIÓN LINGÜÍSTICA

Jilvania L. S. Bazzo¹

RESUMO

Neste trabalho, busca-se refletir sobre o pensamento freiriano em relação ao ensino de leitura e escrita no contexto da cibercultura, destacando a sua dimensão linguística. Entende-se que, para o seu desenvolvimento teórico e metodológico, faz-se premente articular de modo indissociável a tríade: sujeitos, conhecimento e projeto social emancipatório para a formação humana. Por que a palavra se constitui substância e verbo para ensinar e aprender a ler e a escrever? E por quais razões a pesquisa-ação do universo de fala inaugura esse processo? Por que as atividades de ensino exigem a leitura da realidade e a leitura da palavra escrita (re)produzidas em situações e contextos sociais concretos? Como as palavras se tornam a menor unidade da pesquisa e suas pautas sonoras compõem as unidades mínimas do pensamento filosófico de Paulo Freire? Quais são efetivamente os princípios linguísticos que fundamentam a sua epistemologia educacional? A expectativa é que as discussões apresentadas possam contribuir ainda mais para o fortalecimento dos atos pedagógicos emancipatórios e das pesquisas no campo da formação de professores, da alfabetização, da Didática e da educação em geral com vistas às garantias das justiça social e cognitiva.

PALAVRAS-CHAVE: Didática. Leitura e Escrita. Alfabetização. Formação de Professores.

ABSTRACT

In this paper, we intend to reflect on Freirian thinking about teaching of reading and writing in the context of cyberculture, highlighting its linguistic dimension. It is understood that, for its theoretical and methodological development, it is imperative to articulate the tride: subjects, knowledge and an emancipatory social project for human formation. Why does the word constitute substance and verb to teach and learn to read and write? And for what reasons does researching the speech universe inaugurate this process? Why do teaching activities require reading reality and reading the written word (re) produced in concrete social situations and contexts? How do words become the smallest unit of research and their sound guidelines make up the minimal units of Paulo Freire's philosophical thought? What are the linguistic principles that underlie your educational epistemology? The expectation is that the discussions presented can further contribute to the strengthening of emancipatory

Submetido em: 31/05/2021 – **Aceito em:** 12/10/2021 – **Publicado em:** 13/10/2021

¹ Doutora em Educação. Professora do Departamento de Metodologia de Ensino (MEN) e do Programa de Pós-Graduação em Educação - PPGE/UFSC, da Universidade Federal de Santa Catarina, vinculada à área de Didática. É líder do Grupo de Estudos e Pesquisas em Didática e suas Multidimensões - GEPMIM. Orcid: <http://orcid.org/0000-0002-8000-9130>. E-mail: jilvania.bazzo@ufsc.br



pedagogical acts and research in the field of teacher education, literacy, Didactics and education in general, with a view to ensuring social and cognitive justice.

KEYWORDS: Didactics. Reading and writing. Literacy. Teacher training.

RESUMEN

En este artículo pretendemos reflexionar sobre el pensamiento freiriano sobre la enseñanza de la lectura y la escritura en el contexto de la cibercultura, destacando su dimensión lingüística. Se entiende que, para su desarrollo teórico y metodológico, es imperativo articular la tría: sujetos, conocimientos y un proyecto social emancipador para la formación humana. ¿Por qué la palabra constituye sustancia y verbo para enseñar y aprender a leer y escribir? ¿Y por qué la investigación del universo del habla inaugura este proceso? ¿Por qué las actividades de enseñanza requieren leer la realidad y leer la palabra escrita (re) producida en situaciones y contextos sociales concretos? ¿Cómo las palabras se convierten en la unidad más pequeña de investigación y sus lineamientos sonoros conforman las unidades mínimas del pensamiento filosófico de Paulo Freire? ¿Cuáles son los principios lingüísticos que subyacen a su epistemología educativa? La expectativa es que las discusiones presentadas puedan contribuir aún más al fortalecimiento de los actos pedagógicos emancipatorios y de la investigación en el campo de la formación docente, la alfabetización, la didáctica y la educación en general, con miras a garantizar la justicia social y cognitiva.

PALABRAS CLAVE: Didáctica. Leyendo y escribiendo. Literatura. Formación de profesores.

Introdução

O grande perigo do assistencialismo está na violência do seu antidiálogo, que, impondo ao homem mutismo e passividade, não oferece condições especiais para o desenvolvimento ou a ‘abertura’ de sua consciência que, nas democracias autênticas, há de ser cada vez mais crítica. (FREIRE, 1980, p. 57)

Considerando que, para Paulo Freire (1980), o assistencialismo aniquila as possibilidades de educar para a liberdade e para a cidadania, esta pesquisa aborda as questões relacionadas ao ensino de leitura e escrita iniciando uma breve reflexão em torno dos sujeitos de aprendizagem que, por terem sido subalternizados a processos de opressão social e racismo, são pessoas na condição de marginalizadas e de herdeiras do analfabetismo, da pobreza e de todo e qualquer tipo de violação dos seus direitos sociais/civis e da sua dignidade humana.

Essas pessoas são as filhas e os filhos em idade escolar dos milhões de pobres economicamente (ou paupérrimos, ou miseráveis) que abandonam ou evadem da escola – ainda quando adolescente, às vezes quando crianças. Há alguns fatores para essa desistência social compulsória da instituição escolar: convívio familiar conflituoso, precariedade do ensino, violência, necessidade de cuidar de familiar ou de trabalhar para autossustento ou para ajudar a família entre outros. Esses sujeitos-criança ou sujeitos-adolescente longes da escola tornam-se sujeitos-adulto sem saber ler e escrever. Eis aí uma das maiores preocupações de Freire: “a importância do ato de ler” (e de escrever) – **aprender a dizer a sua própria palavra** (FREIRE,



1987).

Em suas obras, a ênfase no aprendizado da palavra é uma constante. Da palavra que pronuncia e denuncia o mundo lido, compartilhada em debate por homens e mulheres, precisa retornar à palavra escrita (o conhecimento) para o anúncio de gestos de confiança, utopias e esperança (projeto social emancipatório). Quem são os principais interlocutores de Freire? Quem são essas mulheres e esses homens para os quais Paulo dedicou sua vida? Sim, trata-se de uma pergunta retórica, pois os limites da epistemologia educacional freiriana são exatamente os sujeitos oprimidos que, ao se tornarem centralidade de sua obra, definem a concepção de educação popular, isto é, formação protagonizada pelos homens, pelas mulheres e pelas crianças do povo – trabalhadores, pobres, colonizados, subalternizados e marginalizados socialmente pelo sistema político-econômico, midiático e social em geral – seu ponto de vista, com por ele afirmado, é o “dos condenados da Terra, o dos excluídos” (FREIRE, 1996, p. 16). Isto posto, durante esse texto, pelas razões já apresentadas, serão discutidas ainda que rapidamente alguns aspectos atinentes à Educação de Jovens e Adultos (EJA).

De acordo com Lazaro e Teles (2015), o viés assistencialista e de exclusão para a EJA persistiu no Brasil ainda no início do século XXI, sendo iniciada a sua mudança a partir de 2003. Segundo os autores, os debates acerca do analfabetismo entre os jovens e adultos trouxeram à tona a complexidade da temática, sobretudo porque está intimamente ligada a determinantes sociais, políticos e econômicos, colocando em xeque à retórica de “higienização” e visões messiânicas de “erradicação”. Os autores acrescentam que, a partir da compreensão da capacidade de leitura e escrita e de matemática, contextualizada por seus usos sociais, assim como o entendimento sobre a alfabetização como uma etapa do processo de “aprendizagem ao longo da vida”, os estudos nesse campo avançaram, o que segundo eles vêm ratificando a educação como um direito e o seu reconhecimento como modalidade da educação básica.

No tocante às investigações atuais sobre o processo de ensino e aprendizagem da leitura e da escrita – a alfabetização propriamente dita, Magda Soares (2016) apresenta uma densa pesquisa em que defende as facetas sociocultural, interativa e linguística como sendo inerentes a processo a partir de dois paradigmas: construtivista e fonológico. O esforço, com este trabalho, é o de compreender a dimensão linguística na obra de Paulo Freire (2001; 1987; 1980; 1979; 1977) articulada a essas facetas e a síntese já formulada por Carlos Brandão (2013), que explicita aspectos linguísticos fundamentais para o ensino de leitura e escrita dos diferentes sujeitos – oriundos da classe popular cujas trajetórias de vida foram, e ainda são, marcadas pelo impedimento de frequentar regularmente a educação básica e por obstáculos adversos que inviabilizam a apropriação do sistema de escrita alfabético, bem como o protagonismo das primeiras escrituras.



É nesse contexto de discussão e da cibercultura, concebida como “cultura contemporânea estruturada pelas tecnologias digitais, muito mais que comunicação ou mídia; [sendo] a rede o fluxo e o feixe de relações entre os seres humanos e as interfaces digitais” (SANTOS, p. 5658; p. 5661) que este texto procura contribuir para o fortalecimento de pesquisas voltadas para o entendimento do processo de ensino da leitura e da escrita através das contribuições de Paulo Freire. Atravessada por algumas outras questões, a expectativa é que o esforço aqui empreendido possa resolver a seguinte problemática: quais são efetivamente os princípios linguísticos que fundamentam o pensamento freiriano para ensinar a ler e a escrever? Para tanto, parte-se do pressuposto que a discussão trazida por Soares (2016), acerca dos paradigmas construtivista e fonológico, possa ser uma pista muito profícua para aprimorar ainda mais as práticas pedagógicas emancipatórias na área da Didática, da Formação de professores, de Alfabetização e Educação em geral, especialmente porque vinculadas ao pensamento educacional filosófico freiriano.

Metodologia

À luz da Didática, compreendendo-a como campo de mediação do processo de ensino e aprendizagem que estuda o ensino em suas múltiplas relações de condicionamentos, a partir da dimensão pedagógica, curricular e social, articulada ao planejamento, ou seja, à elaboração de objetivos, conteúdos, meios e condições para viabilizar esse processo (LIBÂNEO, 2013), este estudo toma a Cibercultura como o contexto social de produção de textos/discursos (orais, escritos e audiovisuais).

Trata-se de pesquisa bibliográfica, de abordagem compreensiva (ALEXANDRE, 2014) e fortemente ancorada nas experiências, nos estudos e nos conhecimentos acumulados ao longo dos últimos vinte anos em decorrência da atuação nos cursos de formação de professores. Ademais, o caminho de pesquisa adotado incorpora a concepção de comunicação social intencional e ativa, defendida por Paulo Meksenas (2002). Segundo ele, a comunicação quando não espontânea tem o poder de publicizar um conjunto de ideias, valores, crenças e questões vividas coletivamente, o que a torna uma importante qualidade da ação social.

Meksenas (2002) acredita que, ao fazer saber, tornar comum e participar, os seres humanos são capazes de organizar em reflexão e na solução dos problemas vividos no cotidiano social. Para o autor, a comunicação social intencional e ativa se estabelece por meio de práticas e reflexões que, por estar planejada e organizada, aspira pela partilha de um problema pertencente aos indivíduos com vistas a objetivos determinados. A partir da configuração dessa vertente, cuja percepção existencial da consciência individual resulta de um processo dialético e dialógico intenso entre sujeitos históricos e culturalmente situados, proclama-se a ética da presença dos



seres humanos em ambiente educacional, mais especificamente da prática educativa libertadora em contextos de prática social de leitura e escrita.

A problemática central deste trabalho, acerca da dimensão linguística na obra freiriana, girará em torno de algumas perguntas-chave: por que a palavra se constitui substância e verbo para ensinar e aprender a ler e a escrever? E por quais razões, na abordagem freiriana, a pesquisa-ação do universo de fala inaugura esse processo? Por que as atividades de ensino são gestadas a partir da dupla leitura – a da realidade social que se vive e a da palavra escrita que se (re)produz? Ou por que ensinar a leitura/escrita exige a leitura da realidade e a leitura da palavra escrita (re)produzidas em situações e contextos sociais concretos? Carregadas de afetividade e memória crítica, como as palavras se tornam a menor unidade da pesquisa e as pautas sonoras de cada palavra se constituem as unidades mínimas da perspectiva freiriana? Esse tensionamento deve ajudar a resolver a principal problemática: quais são efetivamente os princípios linguísticos que fundamentam o pensamento de Paulo Freire para ensinar a ler e a escrever – isto é, para alfabetizar as crianças e os jovens e adultos das classes populares? Afinal, existe um método freiriano para ensinar a leitura e a escrita?

No bojo dessa discussão, ao se dar maior ênfase à dimensão linguística da abordagem de ensino freiriano, pretende-se recolher alguns elementos que propiciem as reflexões sobre os paradigmas construtivista e fonológico naquilo em que se diferenciam e se aproximam da perspectiva teórica e metodológica freiriana de alfabetização. Finalmente, ressalta-se que todo e qualquer princípio linguístico carrega fortemente um apelo político, uma concepção de mundo, de sociedade e de sujeitos. Assim como, pode-se identificar a vertente educacional ao qual ele (o princípio linguístico) está vinculado e em favor da qual ele opera. Essa clareza metodológica é importante para evitar qualquer equívoco interpretativo desnecessário e impeditivo do avanço científico para a área da Educação (Popular), da Didática, da Alfabetização e da Formação de professores.

Resultados

Considerando que refletir sobre as contribuições de Paulo Freire para o ensino das primeiras palavras provoca um pensar sobre a articulação indissociável entre os sujeitos implicados nesse processo, o conhecimento e o projeto social de formação de crianças, homens e mulheres em contextos reais, tornam-se ainda mais complexas as alternativas teóricas e metodológicas, pois, as propostas pedagógicas, cujas intencionalidades e interações visam a um projeto de sociedade e ao atendimento de demandas subjetivas diversas, ainda que não explícitas e formalmente apresentadas, precisam responder as seguintes questões: para quê, por quê e para quem se ensina e se aprende o quê? Especialmente porque, em geral, essas propostas se afinam a



diferentes ideologias – a do dom, da deficiência cultural ou diferenças culturais, as quais produzem e acentuam na escola alguns discursos de patologização da pobreza, de deficiências linguísticas e de preconceitos sociais diversos, dificultando ainda mais o trabalho das professoras e dos professores para a concretude de uma escola transformadora com vistas à garantia das justiça social e cognitiva. (SOARES, 2017).

Imbricada a essa reflexão sobre a dimensão social do processo de ensinar a ler e a escrever (alfabetização), de acordo com Magda Soares (2016), a faceta sociocultural se refere aos usos e às funções da língua escrita em diferentes contextos sociais e culturais e em diferentes eventos de letramento², portanto, estão presentes outros elementos não linguísticos. Para Freire (1980), o trabalho de levantamento do universo vocabular e temático por meio do debate, do corpo a corpo, da convivência cotidiana entre a professora e os(as) alunos(as), precede aquele realizado de forma sistemática, orgânica e gradual. Aliás, para ele, esse segundo momento planejado e intencional é resultante da pesquisa-ação efetivada.

Desde logo, afastamos qualquer hipótese de uma alfabetização puramente mecânica. Desde logo, pensávamos a alfabetização do homem brasileiro, em posição de tomada de consciência, na emersão que fizera no processo de nossa realidade. Num trabalho com que tentássemos a promoção da ingenuidade em criticidade, ao mesmo tempo em que alfabetizássemos. [...] Pensávamos numa alfabetização que fosse em si um ato de criação, capaz de desencadear outros atos de criadores. Numa alfabetização em que o homem, porque não fosse seu paciente, seu objeto, desenvolvesse a impaciência, a vivacidade, característica dos estados de procura, de invenção e reivindicação. (FREIRE, 1980, p. 104).

Nesse processo de educação como ato de criação, os sujeitos implicados são agentes de transformação da realidade, são protagonistas de um processo em curso. A faceta sociocultural, portanto, há de ser levada em consideração com rigor, critério e intencionalidade requerida pela abordagem teórica e metodológica de alfabetização freiriana.

A abordagem freiriana para a educação popular é exigente, responsável e implicada, cujos princípios pedagógicos estão explicitados na obra **Pedagogia da Autonomia**. Por isso, não aceita qualquer escrita e produzida por anônimos. Faz-se necessário observar e explicitar quem são aqueles e aquelas que fundamentam a práxis pedagógica. Por exemplo, do universo temático e vocabular do homem e da mulher brasileiros, pensando com Paulo; ou no processo

² Evento de letramento diz respeito às atividades de interação, compreensão e interpretação mobilizadas pela escrita. Exemplo: na escola, quando se lê ou se interpreta um livro; quando se escreve no quadro os nomes dos aniversariantes do mês; quando se discute sobre uma notícia de jornal etc. Cf. BAZZO, 2015.



inicial de levantamento dos usos sociais da escrita em diferentes contextos sociais e culturais, pensando com Magda. Para fins didáticos, entre a leitura de uma receita de bolo ou o conto “Olhos d’água”, de Conceição Evaristo (2014), certamente, a professora ou o professor não hesitará em escolher o texto literário. Por quê? Entre muitas razões, pelas possibilidades de estabelecer relações, contribuir para o desenvolvimento da consciência crítica, promover o autoconhecimento e ajudar a ler o mundo a fim de transformá-lo para o bem-viver. O texto literário pode ativar o imaginário e a criação! E um texto que apresenta “ingredientes” e “modo de fazer”, qual a sua capacidade de fazer-pensar, mobilizar a invenção, a criação e a imaginação humana?

Freire problematizava sobre as diferentes maneiras de “como proporcionar ao homem meios de superar suas atitudes, mágicas ou ingênuas, diante de sua realidade”. Ele se questionada sobre como podia ajudá-lo “a criar, se analfabeto, sua montagem de sinais gráficos”, por exemplo, como ajudá-lo a se inserir na cultura grafocêntrica (FREIRE, 1980, p. 107). Ele chegou à conclusão que se faziam necessárias a criação de uma abordagem educacional ativa, dialógica, participante, crítica e criticizadora e a modificação do conteúdo programático e do uso de técnicas tipicamente repetitivas e desprovida da “aquisição sistemática da experiência humana”, isto é, de cultura e criação. Uma educação sistemática como experiência humana, interlocução, comunicação, interação. Aqui está outra faceta, a interativa!

A faceta interativa do processo de ensinar a ler e a escrever, conforme Soares (2016), diz respeito ao uso interativo da língua escrita para a interação, a compreensão e a produção de textos, o que envolve, além da dimensão linguística, elementos textuais e pragmáticos, e outros não exclusivamente linguísticos.

Para Freire, além de uma pedagogia da comunicação, seria preciso também fazer com que a pessoa analfabeta percebesse que “tanto ele como o letrado têm um ímpeto de criação e recriação”, são ambos produtores de cultura e que “tanto é cultura o boneco de barro feito pelos artistas, seus irmãos do povo, como cultura também é a obra de um grande escultor, de um grande pintor, de um grande místico ou de um pensador” (FREIRE, 1980, p. 109). A dimensão interativa no pensamento freiriano de alfabetização está, portanto, demarcada pela relação horizontal e dialógica entre os pares, que promove o reconhecimento dos dois mundos – o da natureza e o da cultura – e, sobretudo, o papel dos homens e das mulheres nesses mundos.

A metodologia adotada pela professora ou pelo professor, cuja fundamentação é a freiriana, priorizará situações interativas de ensino, ou seja, de interlocuções e de comunicação entre os sujeitos de aprendizagem. A relação dialógica e interativa serão o fio condutor do processo. Ao invés de exercícios de repetição, cópia e silenciamento da diversidade do grupo e suas singularidades, ela/ele planejará atividades interativas pautadas na cultura oral e escritos



dos(das) estudantes – sistematizada na pesquisa de descoberta efetivada no início do processo, conforme pontua Freire (1987) sobre princípios vitais para promover o aprendizado:

Uma primeira condição a ser cumprida é que, necessariamente, devem representar situações conhecidas pelos indivíduos cuja temática se busca, o que as faz reconhecíveis por eles – possibilitando que nelas se reconheçam.

Não seria possível, nem no processo de investigação, nem nas primeiras fases do que a ele se segue, o da devolução da temática significativa como conteúdo programático, propor representações de realidades estranhas aos indivíduos. (FREIRE, 1987, p. 108).

A faceta interativa visivelmente se traduz tanto pela escolha do material didático, a exemplo de fotografias, vídeos ou imagens e ilustrações que, como guardiãs das palavras geradoras (ou temas geradores) recolhidas na investigação, serão interpretadas pelos(as) estudantes e por eles/elas reconhecidas; quanto pelo desenho metodológico eleito para a condução do processo de ensino e aprendizagem, a exemplo de debate, discussão ou painel que, como estratégia emancipatória, rompe a dissertação centralizadora na figura da professora ou do professor e devolve como problema aos homens e as mulheres de quem as recebeu. (FREIRE, 1987).

Já a faceta linguística é, segundo Soares (2016), componente necessário, mas não suficiente, do processo inicial da língua escrita, a qual se reserva o nome de alfabetização, isto é, refere-se à aprendizagem do sistema alfabético-ortográfico que conduz à leitura e à produção de palavras escritas. Geralmente, as professoras e os professores que ignoram as outras facetas no processo de alfabetização, organizam seu material didático-pedagógico focado na relação entre fonema-grafema (som-letra) para o ensino da escrita e entre grafema-fonema (letra-som) para o ensino da leitura pautada exclusivamente em princípios linguísticos à revelia dos sujeitos implicados no processo de ensino e aprendizagem: suas histórias, necessidades, desejos, motivações e culturas. Segundo Edméa Santos (2019; 2014), considerando os processos de co-criação, interatividade (comunicacional), mediação e ampliação de repertórios culturais no contexto ciber-cultural de mobilidade, ubiquidade e autorias nas redes, é preciso investimento em formação de professores online.

Geralmente, as professoras e os professores leem para os estudantes a fim de “prepará-los” para o “aprendizado” da escrita/leitura de uma palavra ou uma frase. Isto significa que seu trabalho suprime o ato de pensar e a comunicação em favor de exercícios sistemáticos e graduais de conversão de sons da fala em letras ou combinação de letras – escrita –, ou conversão de letras ou combinação de letras, em sons da fala – leitura. Paulo Freire afirma que “o ato de pensar exige um sujeito que pensa, um objeto pensado, que mediatiza o primeiro sujeito do segundo, e a comunicação entre ambos, que se dá através de signos linguísticos”. O mundo humano, para Freire (1977, p. 66), “é um mundo de comunicação”, e, porque aprende a atuar, pensar e falar



sobre a realidade, o indivíduo é corpo consciente, isto é, “consciência intencionada ao mundo, à realidade”.

Soares (2016, p. 32) considera ainda que, diferentemente da ação de cientistas e pesquisadores, a atividade docente deveria levar em conta as facetas como um todo orgânico, complexo e multifacetado, pois, ao ensinar, uma questão fundamental a ser respondida é a seguinte: “o que se ensina, quando se ensina a língua escrita”? Para ela, se por um lado, o modelo fonológico aponta para um ensino gradual e sistemático do sistema de escrita alfabético, iniciando o processo pelo exercício dos traços mínimos dos “fonemas/sons” da palavra falada em contraste com os traços mínimos da palavra escrita; por outro, ainda segundo a autora, o modelo construtivista pressupõe o ensino com foco nos processos cognitivos do aprendiz em sua progressiva aproximação ao princípio alfabético de escrita, trata-se, portanto, de uma teoria de apropriação do conhecimento em que o aprendizado da língua escrita decorre do letramento, ou seja, da inserção do sujeito às outras facetas – interativa e sociocultural.

Em se tratando da Educação Popular, pelas razões já discutidas anteriormente, metodologias para ensinar a ler e a escrever que promovem o apagamento da cultura e da história dos(as) estudantes, precisam ser aniquiladas. Tendo em vista que a palavra viva que, produzida pelos(as) estudantes e a sua comunidade em contextos reais e autênticos, guia o processo inicial de ensino da leitura e da escrita, pode-se concluir um dos princípios linguísticos da abordagem teórica e metodológica freiriana para alfabetizar é: a fala viva dos sujeitos de aprendizagem como instrumento de trabalho, isto é, a palavra pronunciada, aquela que anuncia e (des)vela o mundo, a sociedade, o sujeito e suas relações é o material concreto para fazer-aprender a usar a escrita como modo consciente de habitar o mundo, lendo-o e agindo sobre ele.

Dimensão linguística e política: dois lados de uma mesma moeda

Pela investigação, como já pontuado nas discussões anteriores, na perspectiva freiriana, as palavras se tornam a menor unidade da pesquisa, convertendo-se em palavra geradora para o processo inicial da alfabetização ou em tema gerador para o que Freire chama de “pós-alfabetização”. O desafio, então, para as professoras e os professores é, preservando os fundamentos políticos, éticos e estéticos do ato de ensinar a ler e a escrever, saber como as pautas sonoras das palavras compõem as unidades mínimas na abordagem de Paulo Freire. A seguir, pretende-se continuar evidenciando a dimensão linguística na perspectiva educacional freiriana.

Imaginemos agora, um educador que organizasse o seu programa ‘educativo’ para estes homens e, em lugar da discussão desta temática, lhes propusesse a leitura de textos que, certamente, chamaria de ‘sádios’, e nos quais se fala, angelicamente, de que ‘a asa é a ave’.



E isto é o que se faz, em termos preponderantes, na ação educativa como na política, porque não se leva em conta que a dialogicidade da educação começa na investigação temática. (FREIRE, 1987, p. 114).

Está inequívoco que, na abordagem freiriana para a alfabetização (FREIRE, 1980; 1987), o trabalho pedagógico se inicia na investigação temática e envolve a comunidade na qual ele está inserido. De igual modo, por ser a miséria produto de um sistema social, político e econômico segregador e desigual que produz o analfabetismo e não o contrário, há uma preponderância da dimensão política³ – também ética e estética – na obra de Paulo Freire. Em face dessa preponderância, há um apagamento ingênuo, grosseiro ou de má-fé, por parte de alguns profissionais da educação e estudiosos da área da linguagem que, comumente, o separam da dimensão linguística.

É importante deixar registrado que o posicionamento linguístico assumido resulta de um posicionamento político explícito e vice-versa. Ou seja, ao assumir o protagonismo dos filhos e filhas das classes populares no processo de ensino e aprendizado da língua escrita, como sujeitos e não meros objetos a serem conduzidos e manipulados por uma narrativa de suposta supremacia (branca) e hierarquização da cultura/da linguagem (cultura versus popular ou inculta), rejeitam-se as perspectivas redentora, salvacionista, higienista ou messiânica da e na educação.

Assim como, ao assumir o protagonismo docente na produção do material de trabalho, rejeitam-se os pacotes industrializados que, para adaptar e docilizar os corpos e as mentes dos(as) estudantes incluindo o dos/as docentes nesse processo, reforçam suas atitudes mágicas ou ingênuas sobre a realidade. E mais, acoplada às demais facetas de modo indissociável, a vertente linguística adotada compreende que a participação e o poder de decidir e construir a realidade são práticas sociais horizontais, dialógicas e equacionadas no encontro entre pessoas diferentes, marcadas por traços semelhantes, com um projeto de comum-pertencimento: o bem-viver de todos os seres humanos, indistintamente, habitantes do Planeta Terra, de Gaia.

Da fala viva ao exame minucioso da língua(gem)

A seguir, ao destacar as etapas do processo de alfabetização pautado na abordagem filosófica, educacional, existencial e epistemológica de Paulo Freire, com foco na faceta linguística,

³ “Às vezes, o desvelamento de pelo menos parte das razões dos fatos que a releitura da realidade oferece leva os indivíduos que a fazem a um estado de inquietude que assusta aos educadores que a eles foram movidos apenas por sentimentos humanitários, sem uma opção política clara. Em situações tais, estes educadores percebem como, em pouco tempo, foram superados por aqueles de quem pretendiam ser os educadores. Percebem que, não obstante saberem ler e escrever, eram ‘politicamente analfabetos’”. (FREIRE, 2001, p.87)



importa ratificar as palavras de Brandão (2013) sobre o método: investigação nos círculos de cultura; fichas de descobertas; conscientização.

Método, segundo Brandão (2013), não é “forma sobre o fazer” e “forma de fazer”, nem muito menos se impõe à realidade, mas implica em ajustar, inovar e criar a partir de seus registros. Para o aprofundamento da dimensão linguística na obra freiriana, registram-se que nos dois primeiros encontros são realizados debates provocados a partir da leitura de “fichas de cultura”, produzidas pelas próprias docentes, pela comunidade ou por um(a) artista do lugar, movidas pelas situações existenciais de cada uma das pessoas presentes. É fundamental que a professora coordene os trabalhos para garantir a participação ativa de todos os presentes em cada momentos do debate que, conduzida sem formalismos, sem discursos nem dissertações preparados com antecedência, “consiste na reunião de um pequeno grupo, com um líder, para a discussão de um problema” (FREIRE, A. M., 2006, p. 11).

Desses debates, serão geradas as palavras a serem estudadas minuciosamente. Posteriormente, no terceiro encontro, começa o estudo da relação entre fonema-grafema e vice-versa, mediante a produção de “fichas para visualização da palavra” e “cartazes de descoberta”. É importante destacar com o grupo a correspondência entre os sons e as letras. Na primeira ficha, escreve a palavra: TRABALHO com sua vinculação semântica; na segunda ficha, escreve os “pedaços” da palavra: TRA – BA – LHO; nas três fichas seguintes, escreve-se a família fonêmica para cada uma das partes da palavra. E, por fim, elabora-se o cartaz para o grupo começar seu processo de criação:

Quadro 1. Cartaz de descoberta - “Trabalho”

TRA	TER	TRI	TRO	TRU
BA	BE	BI	BO	BU
LHA	LHE	LHI	LHO	LHU

Fonte: Brandão, 2013

A professora lê a palavra TRA-BA-LHO com os(as) estudantes, apontando para as unidades silábicas, e chama a atenção para outras possibilidades de criação na horizontal (“beba”); na vertical (“tribo”) ou em diagonal livre (“bolha”, “trilho”) etc. Pergunta se alguém encontrou alguma palavra que comece com as letras “tr_”, “b_” ou “lh_”. Pode ainda lançar um desafio para quem encontrar ou criar alguma palavra que comece ou contenha essas letras. Poderá também chamar a atenção que um pedaço de uma palavra poderá criar uma nova palavra: “tra” em “trato”; ou destacar que uma palavra pode carregar outras, a exemplo de “contrato” que “carrega” as palavras “contra”, “trato” e “ato”. Ou se retirada uma ou mais letras, cria-se outra



palavra, a exemplo da supressão da letra “r” da palavra “contra” ou “trato” gera “conta” e “tato” respectivamente. Ou se inserida ou trocada algumas das letras, serão produzidas outras tantas palavras.

Mergulhados na própria realidade dos(as) estudantes, esses exercícios de reflexão sobre o funcionamento do sistema de escrita alfabético-ortográfico ajudam a compreender e a operar com a forma, o sentido e a função de cada palavra que, por sua vez, favorecem o desenvolvimento do pensamento crítico e do agir ético. Com esse e outros cartazes, podem ser exploradas muitas possibilidades e ir desafiando o grupo a formar outras palavras; convidando os(as) estudantes a escrevê-las na lousa interativa, fórum, chat ou uso de padlet e outros dispositivos e ferramentas digitais para o caso de **ensino on line** ou híbrido, após a produção escrita, lê-las em voz alta e de diversas maneiras, individualmente, em pequenos grupos. Considerando o contexto da cibercultura, no estágio da criação, os(as) estudantes podem ser estimulados a fazer uso dos dispositivos digitais e narrarem suas próprias histórias por meio da eleição de suas palavras.

Quando aparecer as dificuldades no grupo, segundo Brandão (2013), é preciso apresentá-las, discutir sobre elas, reservando um tempo maior para serem resolvidas. No entanto, o autor considera que aquelas percebidas *a priori* pela professora devem ser reservadas para quando o grupo estiver mais seguro, pois saberá enfrentá-las por sua conta. Ele apresenta o exemplo das unidades silábicas “ce” e “ci” da palavra geradora “casa”, que ficaram de fora da “ficha de descoberta”:

Quadro 2. Ficha de descoberta - “Casa”

CA	--	--	CO	CU
AS	SE	SI	SO	SU

Fonte: base de dados da autora fundamentada em Brandão, 2013

Além dessa orientação, Brandão (2013) propõe algumas atividades de escrita e de ilustração para que cada estudante escreva a palavra que desejar, reproduzir o trabalho feito e sugerir novos exercícios, conforme o exemplo que se segue.

**Quadro 3.** Ficha de descoberta – Atividade de escrita e ilustração

[Lugar reservado para o desenho / ilustração]				
TRABALHO				
TRA	TRE	TRI	TRO	TRU
BA	BE	BI	BO	BU
LHA	LHE	LHI	LHO	LHU
1.		3.		
2.		4.		

Fonte: base de dados da autora fundamentada em Brandão, 2013

Com essa ficha de descoberta, os(as) estudantes irão desenhar ou ilustrar a palavra geradora, ler e, em seguida, criar outras palavras. Articulado ao trabalho sistemático de escrita, outras ações, a exemplo de produção de dramas, pequenas apresentações, dança, música, teatro, repentes e moda de viola que associem a vida concreta à sugestão de palavras geradoras favorecem e provocam uma conversação para cada encontro. Brandão (2013, p. 79) lembra que as estratégias de ensino devem se ligar “ao fio condutor do curso: ler e escrever de modo consciente e consequente a sua própria realidade”.

Em síntese, a abordagem metodológica freiriana para alfabetização se inicia com a pesquisa do universo vocabular e temático, após registro, estudo, sistematização das informações, produz-se conhecimento didático-pedagógico para fins de ensino e aprendizagem da língua escrita e consequente, para a formação integral e cidadã dos seres humanos envolvidos no processo. Com os(as) estudantes, são realizadas atividades linguísticas, isto é, reflexão sobre o funcionamento da língua portuguesa, mediante o “trabalho-diálogo”, a “análise da situação existencial” e “estudo de ler e escrever” convertidas, conforme pontuado nos parágrafos anteriores, em apropriação de conhecimentos e condução da própria vida em ato criador, ato de conhecimento e ato político, ou seja, em ato de educação.

Considerações finais

Buscou-se com esta pesquisa evidenciar as razões pelas quais a palavra produzida pelos(as) estudantes das classes populares em processo de ensino e aprendizagem da leitura e escrita nas



suas relações sociais se constitui elemento vital para o seu processo de alfabetização.

Destacaram-se ainda os motivos pelos quais, no pensamento freiriano, a pesquisa-ação do universo de fala inaugura o processo de alfabetização e também foi ressaltada a necessidade de toda e qualquer proposta de ensino para a promoção do aprender a ler e a escrever precisara ser “gestada” do encontro de uma dupla atividade: a leitura da realidade social que se vive e a leitura da palavra escrita que se (re)produz.

Conforme os objetivos traçados, com essas evidências em relação à alfabetização focada e interessada na língua viva – na fala – dos(as) estudantes como um sistema aberto, dinâmico, social, histórico e cultural, bem como na comunicação, interação e diálogo, é possível reconhecer a dimensão linguística na epistemologia freiriana para a alfabetização acoplada de forma indissociável a outras dimensões tão mais evidentes na obra de Paulo Freire, como a política e a ética, por exemplo.

Para finalizar, os resultados apontaram que o aprendizado da linguagem escrita para a Educação (Popular) extrapola a ambos os paradigmas construtivista e fonológico apresentados no campo da Didática para a formação docente, bem como se verifica a necessidade de mais pesquisas voltadas para o entendimento da faceta linguística circunscrita aos contextos da ciberultura, histórico-culturais dos sujeitos implicados, o conhecimento necessário para o seu pleno desenvolvimento e inserido em um projeto social de formação de homens, mulheres e crianças em contextos reais, marcados por suas diferenças de classe, gênero, raça/etnia, língua, religião, ocupação geográfica entre outras.

Por essa razão, urge o aprofundamento do debate acerca das abordagens metodológicas focadas na aprendizagem da linguagem escrita dos(as) estudantes das classes populares, sobretudo pela sua força inesgotável de atualização, ancorado no pensamento filosófico, educacional e epistemológico de Paulo Freire.

REFERÊNCIAS

ALEXANDRE, Agripina Faria. **Metodologia científica e educação**. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2014.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **O que é método Paulo Freire**. São Paulo: Brasiliense, 2013. (Coleção primeiros passos; 38).

BAZZO, Jilvania L. S. A oralidade na formação linguística do professor alfabetizador. **Revista Perspectiva**, v. 33, n. 1, p. 55-75, jan./abr. 2015.



EVARISTO, Conceição. Olhos d'água. In: EVARISTO, Conceição. **Olhos d'água**. Rio de Janeiro: Pallas: Fundação Biblioteca Nacional, 2014, p. 15-20.

FREIRE, Ana Maria Araújo. **Paulo Freire uma história de vida**. Indaiatuba/SP: Villa das Letras, 2006.

FREIRE, Paulo. **Ação cultural para a liberdade e outros escritos**. São Paulo: Paz e Terra, 2001.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996. (Coleção Leitura)

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam**. São Paulo: Cortez, 2011. (Coleção questões da nossa época)

FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980.

FREIRE, Paulo. **Conscientização: teoria e prática da libertação: uma introdução ao pensamento de Paulo Freire; tradução de Kátia de Mello e Silva; revisão técnica de Benedito Eliseu Leite Cintra**. São Paulo: Cortez & Moraes, 1979.

FREIRE, Paulo. **Extensão ou comunicação?**; tradução de Rosisca Darcy de Oliveira / prefácio de Jacques Chonchol. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977.

LAZARO, André; TELES, Jorge. Letramento e políticas públicas para EJA: oportunidades e desafios na primeira década do século XXI. In: RIBEIRO, Vera Masagão; LIMA, Ana Lúcia D'Império; BATISTA, Antônio Augusto Gomes. (Orgs.) **Alfabetização e letramento no Brasil: 10 anos do INAF**. Belo Horizonte: Autêntica, 2015, p. 295-325.

LIBÂNEO, José Carlos. **Didática**. São Paulo: Cortez, 2013.

MEKSENAS, Paulo. **Cidadania, poder e comunicação**. São Paulo: Cortez, 2002.

SANTOS, Edmea. Educação *online* para além da EAD: um fenômeno da ciberultura. **Actas do X Congresso Internacional Galego-Português de Psicopedagogia**. Braga: Universidade do Minho, 2009, p. 5658-5671.

SANTOS, Edméa. **Pesquisa-formação na ciberultura**. Teresina: EDUFPI, 2019.

SANTOS, Edméa. **Pesquisa-formação na Ciberultura**. Santo Tirso, Portugal: Whitebooks, 2014.



SOARES, Magda. **Alfabetização**: a questão dos métodos. São Paulo: Contexto, 2016.

SOARES Magda. **Linguagem e escola**: uma perspectiva social. São Paulo: Contexto, 2017.



Este é um artigo de acesso aberto distribuído sob os termos da Licença Creative Commons Atribuição Não Comercial-Compartilha Igual (CC BY-NC- 4.0), que permite uso, distribuição e reprodução para fins não comerciais, com a citação dos autores e da fonte original e sob a mesma licença.